

O aspecto cultural dos programas de imersão e a aquisição de segunda língua

The cultural aspect in second language immersion programs

Naiara Medeiros de Oliveira *

naiara_may2@hotmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Janaina Weissheimer **

janaina.weissheimer@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: Os programas de imersão têm se popularizado nos últimos anos, principalmente pela influência que exercem na aprendizagem de idiomas. Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo investigar quais são os fatores que auxiliam os estudantes a adquirirem uma segunda língua quando estão imersos na cultura de um país estrangeiro e analisar os desafios que podem impactar a aprendizagem da língua alvo. Para isso, é usada a técnica de entrevista semiestruturada com estudantes brasileiros que participaram do programa Ciências sem Fronteiras. Os dados qualitativos coletados são analisados por meio da categorização de declarações que possam fornecer uma compreensão de como a experiência dos estudantes influenciou a aprendizagem da língua inglesa. Os resultados obtidos evidenciam que a real necessidade de comunicação, a motivação e atividades acadêmicas são os principais fatores que influenciaram a aquisição da língua alvo. Destaca-se ainda o choque cultural que, apesar de ser citado como um obstáculo, impactou positivamente a aprendizagem. Ademais, verifica-se que os participantes indicaram uma melhoria significativa nas habilidades de escrita, leitura, fala e compreensão auditiva. Desse modo, o estudo conclui que o programa Ciências sem Fronteiras ofereceu uma experiência de imersão significativa na aquisição da língua alvo e, ainda, mostra as limitações do ensino da língua inglesa no Brasil, uma vez os cursos e escolas, em sua maioria, não se preocupam com o uso real da língua em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Programas de imersão. Cultura. Segunda língua. Aprendizagem.

ABSTRACT: Immersion programs have become popular in recent years, mainly because of their influence on language learning. In this context, this article aims to investigate the factors that help students to acquire a second language when immersed in the culture of a foreign country, and to analyze the challenges that may

* Graduanda em Licenciatura em Letras-Ingês (UFRN)

** Doutora em Letras (Ingês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

impact the learning of the target language. Thus, the semi-structured interview technique was used with Brazilian students who participated in the Sciences without Borders program. The qualitative data collected were analyzed by categorizing statements that can provide an understanding of how the students' experience influenced their English language learning. The results obtained evidenced that the real need for communication, motivation and academic activities are the main factors that influenced the acquisition of the target language. It is also worth mentioning that cultural shock, despite being cited as an obstacle, positively impacted learning. In addition, it was verified that the participants indicated a significant improvement in writing, reading, speaking and listening skills. Thus, the study concludes that the Sciences without Borders program offered a significant immersion experience in the acquisition of the target language, and also shows the limitations of English language teaching in Brazil, since most of the courses and schools don't seem to be concerned with the actual use of language in the classroom.

KEYWORDS: Immersion programs. Culture. Second Language. Learning.

Introdução

Os programas de imersão, mais conhecidos como programas de intercâmbio, têm se popularizado ao longo dos anos. Como uma oportunidade de conhecer um novo país, seus aspectos culturais e, principalmente, aprender o idioma falado, pessoas de inúmeros países têm se interessado por esses programas. Desse modo, percebemos que, geralmente, tais participantes têm uma rápida e efetiva aprendizagem, diferenciando-se dos estudantes que não tiveram a mesma oportunidade em diversos aspectos.

Considerando a aprendizagem da língua inglesa como o principal objetivo da maioria dos programas de intercâmbio no mundo, é importante investigar o quanto efetiva pode ser essa aquisição no momento em que o estudante se encontra em contato direto com a língua alvo (língua que se objetiva adquirir) através da imersão em um país falante. Tomar conhecimento da relação existente entre a imersão cultural e a aquisição da língua pode vir a ajudar milhares de estudantes com dificuldade na aprendizagem que procuram uma forma de adquirir um idioma em seu uso real, em um ambiente totalmente diferente do que encontram num curso de idiomas.

É importante salientar que, neste estudo, o conceito de imersão diz respeito não só a estar em um novo país, mas sim em constante aproximação com nativos, de modo a se aproximar, também, da cultura e hábitos compartilhados pelos mesmos.

As questões que moveram esse projeto de pesquisa são (1) o que faz os estudantes adquirirem uma segunda língua rapidamente quando participam de um programa de imersão?; e 2) quais são os desafios que esses estudantes enfrentam quando experienciam uma nova cultura? De que forma esses desafios impactam a aprendizagem?

É esperado que nos resultados deste estudo sejam confirmadas as seguintes hipóteses: (1) Um programa de imersão e o contato com a cultura de um país

ajudam estudantes a adquirirem uma língua com mais rapidez; e (2) Estudantes de ESL (Inglês como segunda língua) enfrentam alguns desafios ao participarem de um programa de imersão. Dessa forma, tais desafios podem impactar a aquisição da segunda língua.

A partir das questões e hipóteses apresentadas, esse projeto tem como objetivos (1) investigar quais são os fatores que ajudam os estudantes a adquirirem uma segunda língua quando estão imersos na cultura de um país estrangeiro; (2) analisar os desafios que os estudantes de ESL enfrentam nesse contexto e como esses desafios podem impactar a aprendizagem da língua alvo.

1 Cultura e aprendizagem de segunda língua

Segundo Schumann (1986), para cada grau de aculturação há um nível equivalente de aquisição de segunda língua. O autor define aculturação como a integração social e psicológica do estudante com o grupo falante da língua alvo. Isto é, quanto mais o indivíduo tem contato com os falantes da língua alvo, maior será a aprendizagem. Desse modo, o estudante está socialmente integrado ao grupo falante da língua alvo (*target language group*) e como resultado, ele desenvolve suficiente contato para que seja possível adquirir a língua alvo. O estudante pode também considerar os nativos como uma referência e, conseqüentemente, desejar adotar seus valores e estilo de vida. No entanto, Schumann afirma que o contato social e psicológico com os falantes da língua alvo é o componente essencial na aculturação.

Os valores sociais a que o autor se refere são aqueles que dizem respeito à relação entre dois grupos que falam idiomas diferentes em uma situação de contato: o grupo que irá aprender uma segunda língua e o grupo falante dessa língua. Schumann (1986) defende que os fatores sociais envolvidos nessas situações podem tanto promover o contato entre os dois grupos, quanto inibi-lo, de modo a afetar a aquisição da linguagem. Esses fatores consistem, por exemplo, no quanto um grupo vai se considerar superior ao outro e no quanto o grupo aprendiz irá se adaptar aos hábitos do grupo falante da língua alvo, adotando seu estilo de vida e frequentando os mesmos lugares. É notório acrescentar, ainda, a importância de atitudes positivas entre os dois grupos. Nesse caso, a aproximação seria maior e, conseqüentemente, a aprendizagem da segunda língua mais efetiva.

De acordo com Schumann (1986), ainda se destacam os fatores afetivos ou psicológicos, como a motivação e as razões pelas quais o estudante deseja adquirir a segunda língua. Outro fator de importância evidenciado é o choque cultural e o estranhamento com a nova língua, que podem trazer certa desorientação ao estudante, colocando-o em situações capazes de impactar a sua aprendizagem. O último fator psicológico é a ego-permeabilidade, que se trata do nível de inibição do estudante e o quanto ele está disposto a adquirir a língua alvo. O autor afirma que se o estudante não superar o choque cultural e o estranhamento com a nova língua, não tendo suficiente motivação e ego-permeabilidade, não será possível adquirir a segunda língua completamente.

Conforme Savage e Hughes (2014), pesquisas sobre a aquisição de linguagem resultante de experiências de imersão, em geral, têm demonstrado que oportunidades de estudo no exterior afetam positivamente o desenvolvimento de uma segunda língua. A vantagem mais significativa verificada pelos autores é a de que os estudantes têm a oportunidade de estar fora de uma sala de aula formal e interagir com os nativos da cultura em questão.

Os autores mostram em sua pesquisa quantitativa e qualitativa, que todos os participantes, cadetes do exército em um intercâmbio a curto prazo na China, melhoraram suas habilidades lingüísticas, como *speaking, listening, reading* e *writing* a partir da oportunidade de imersão. Os participantes obtiveram uma grande exposição à língua alvo e à cultura do país, tendo, conseqüentemente, uma melhora estatisticamente significativa em suas pontuações verificadas em um pré-teste para o pós-teste. Além disso, através de entrevistas, questionários e notas de observação, os estudantes se mostraram satisfeitos com o resultado do programa, bem como se mostraram extremamente motivados durante o processo de aprendizagem.

2 Método

Objetivando alcançar e investigar o relato das experiências dos participantes, a pesquisa qualitativa foi a mais viável para abordar tal problemática. A técnica utilizada nesse estudo foi a entrevista semiestruturada, a fim de que os participantes relatassem os aspectos culturais envolvidos na sua aquisição da língua alvo, inclusive os desafios que se depararam a ter contato direto com esse novo ambiente de aprendizagem.

2.1 Participantes

Os participantes submetidos à entrevista são onze estudantes brasileiros que participaram do programa Ciências sem fronteiras, uma iniciativa dos ministérios da Educação e da Ciência, Tecnologia e Inovação para fornecer bolsas de intercâmbio a estudantes brasileiros de graduação e pós-graduação com bom desempenho acadêmico. Os estudantes têm idades entre vinte e um a vinte e cinco anos e tiveram uma média de estadia entre doze e dezesseis meses nos países estrangeiros participantes do programa, os quais são: Estados Unidos, Canadá, Inglaterra e Irlanda. Quanto ao nível de proficiência dos participantes na língua inglesa antes da experiência, a maioria se declarou como nível básico a intermediário, de modo que não conseguiam manter um diálogo real em uma situação de interação, apesar de já terem frequentado cursos de idiomas no Brasil.

2.2 Instrumentos

Nesse estudo qualitativo foi usada uma das mais comuns técnicas de elicitación, sendo ela a entrevista (NUNAN, 1992). Os participantes foram

submetidos a uma entrevista semiestruturada (ver apêndice A), na qual foi proposto descrever os principais pontos em suas experiências. Todas as entrevistas ocorreram através de ligações telefônicas, gravadas e registradas com a permissão dos colaboradores.

2.3 Procedimentos de coleta e análise

Quanto aos procedimentos, todo o processo de diálogo na entrevista semiestruturada, mediada por ligação telefônica, foi gravado e transcrito para facilitar a análise dos dados. É importante destacar que, sendo uma entrevista semiestruturada, buscou-se ao máximo respostas completas e detalhadas, deixando o participante livre e confortável para fazer o seu relato a respeito da questão que lhe foi proposta anteriormente.

Os dados coletados foram analisados através da categorização de declarações significativas, frases, ou citações que fornecem uma compreensão de como os participantes experimentaram o fenômeno da aprendizagem. Em outras palavras, notou-se que nos relatos de todos os participantes havia declarações que se repetiam com muita frequência. Esses comentários foram analisados e categorizados a fim de determinar os fatores e atitudes relacionados à integração cultural e à aprendizagem da língua alvo. Dessa forma, a categorização dos fatores relatados nos permite uma percepção mais didática e clara a respeito da relação existente entre a integração cultural e a aquisição de uma segunda língua.

3 Resultados e discussão

Como esperado, os participantes fizeram diversas declarações que relacionam a integração cultural e interação verbal à aquisição da língua inglesa. Desse modo, a partir dos dados gerados pela entrevista, foram criadas as categorias de análise, sendo possível elencar os aspectos que influenciaram a aprendizagem da língua alvo, bem como os desafios que os participantes enfrentaram ao estarem imersos em uma nova cultura. As categorias de análise foram listadas da seguinte forma: (I) Real necessidade; (II) Motivação e estímulos sociais; (III) Atividades acadêmicas; (IV) Choque cultural; (V) Diferença do inglês aprendido no Brasil para o vivenciado no país; e (VI) A convivência com brasileiros durante o programa de imersão.

3.1 Real necessidade

Como tópico mais relatado e discutido pelos participantes, a real necessidade de fazer uso da língua inglesa é considerado o principal fator de influência na aquisição da mesma. Todos os participantes declararam que se sentiram “forçados” a aprender o inglês, uma vez que a comunicação é essencial para a sobrevivência do ser humano. Em um país totalmente novo e diferente, em todos os lugares serão requeridos o uso da língua, seja ao falar, ouvir, ler ou escrever. Para qualquer lugar

que fossem, os participantes se viam “cercados” pela segunda língua, não existindo a possibilidade do uso do português. Seguem abaixo algumas declarações dos participantes:

Você é forçado a aprender. Não há escolha, visto que a pessoa necessita da comunicação para as tarefas do dia a dia.

Pra onde você for, você vai ter contato com a língua. De fato, você precisa dela. Então isso te obriga, querendo ou não, a desenvolver, a se esforçar mais.

Como relatado no excerto acima, a interação social era contínua e necessária nas atividades cotidianas dos estudantes. Sendo assim, tiveram que se esforçar muito mais e, conseqüentemente, houve um bom resultado em seu desenvolvimento com o inglês.

3.2 Motivação e estímulos sociais

Em segundo lugar, os estudantes relataram com frequência a questão da motivação e estímulos sociais que recebiam dos nativos, o grupo falante da língua alvo. Por uma questão cultural, brasileiros geralmente apresentam comportamentos sociáveis e têm facilidade em se relacionar com os demais. Apesar das diferenças culturais e de comportamento, os estudantes se sentiam motivados a aprender a língua algo para que pudessem estabelecer um diálogo com os nativos, bem como vínculos de amizade, ou até mesmo por questões acadêmicas. O estímulo social, nesse contexto, é a presença contínua de falantes nativos incentivando a interação verbal dos participantes, bem como o desenvolvimento da língua.

Eu tinha que me comunicar com meus colegas de turma, professores e, durante o estágio, com minha supervisora.

Eu tinha que me virar, era uma questão de sobrevivência, interagir com as pessoas, aprender sobre elas. Isso foi um estímulo pra eu querer evoluir e aprender o inglês. Eu era motivada pelas pessoas ao meu redor o tempo todo, queria muito interagir com elas.

Assim como foi discutido por Schumann (1986), percebe-se que os participantes do programa tiveram suficiente motivação e ego-permeabilidade, ou seja, estavam completamente motivados e dispostos a interagir com os falantes da língua alvo e, conseqüentemente, constataram uma influência positiva nesse aspecto.

3.3 Atividades acadêmicas

Assim como no Brasil, os estudantes também estavam inseridos em um ambiente acadêmico, tendo que frequentar as universidades como alunos comuns. Esse fator influenciou positivamente a aprendizagem dos alunos, no sentido de que

seus compromissos e atividades acadêmicas exigiam o uso correto da língua inglesa. A fim de conseguirem bons resultados em provas, trabalhos, projetos, ou apenas assimilar o conteúdo, os participantes precisaram se esforçar muito mais, visto que era necessário lidar com o vocabulário específico de seus cursos em inglês. A partir disso, houve mais uma forma de estímulo que, segundo os participantes, contribuiu de uma forma significativa nesse processo de aprendizagem.

Você tem que passar nas provas, você tem que correr atrás.

Eu tinha que verificar no dicionário, praticar a escrita em casa, procurar os professores para conversar e esclarecer dúvidas.

Nota-se que o ambiente acadêmico em universidades estrangeiras também ofereceu motivação para que os estudantes buscassem novos recursos para um entendimento mais aprofundado, tanto da língua inglesa quanto do conteúdo estudado.

A fim de responder a segunda questão desse estudo e confirmar a segunda hipótese, foi questionado ainda a respeito dos desafios enfrentados pelos estudantes e de que modo esses desafios podem ter impactado a aprendizagem. Apesar de muitas dificuldades vivenciadas por esses participantes terem sido relatadas, as mais recorrentes foram as listadas a seguir.

3.4 Choque cultural

Schumann (1986) aponta o choque cultural como um dos principais fatores psicológicos a interferirem na aquisição de uma segunda língua. Para que seja possível uma aprendizagem efetiva, é preciso que essa barreira seja superada por meio da adaptação ao estilo de vida e costumes decorrentes da nova cultura em que se está inserido. Dessa mesma forma, nesse estudo, o choque cultural foi apontado como maior desafio para a aprendizagem. O estranhamento com as atitudes e hábitos do grupo falante da língua alvo causou grande desconforto para a maioria os entrevistados. O distanciamento que os nativos têm dos outros indivíduos, mostrando “frieza” e falta de interesse em uma aproximação maior é o exemplo mais citado.

Por mais educados que eles sejam, não são tão acolhedores como os Brasileiros. Porém, isso foi agregador. Eu pude desenvolver mais as minhas capacidades sociais.

As pessoas são frias, muito distantes. Tive muita dificuldade em fazer amigos nativos. Então gente tinha que forçar contato, se entrosar, sair da zona de conforto.

Porém de acordo com os relatos, esse desafio ainda é julgado positivo pelos participantes, uma vez que foram estimulados mais ainda a sair da “zona de conforto” e tentar alguma forma de contato, o que requer também habilidades linguísticas bem desenvolvidas.

3.5 A diferença entre o inglês aprendido no Brasil e o vivenciado no país alvo

O que Schumann (1986) define como “choque de linguagem”, isto é, desconforto causado pelo estranhamento com a segunda língua, também é relatado pelos entrevistados. Os mesmos relataram a sua dificuldade na adaptação ao uso “real” da língua, algo que muitas vezes não é trabalhado no ensino de idiomas no Brasil. Desse modo, ao terem contato com os nativos e seus diferentes sotaques, gírias e usos da língua que são incomuns ao brasileiro, a maioria dos estudantes se sentiu extremamente frustrada e inibida ao tentar qualquer tipo de comunicação, como podemos observar no excerto a seguir:

Os sotaques foram uma grande dificuldade. A adaptação da audição para entendê-los também desenvolveu minha fluência.

O que você convive não é o que você aprende na sala de aula, como as gírias, “frasal verbs”. Isso só se aprende no dia a dia. A convivência com eles é o que vai te dar esse diferencial

Desse modo, com o contato contínuo e a quantidade exacerbada de situações em que os estudantes tinham que tentar ao máximo se comunicar, compreendendo o que é falado e produzindo sentenças, sua capacidade de assimilar o inglês foi aperfeiçoada em um período de tempo relativamente curto. Dessa forma, todos os participantes julgaram esse desafio como positivo para alcançar a proficiência na língua. Foi destacado pelos entrevistados o quanto esse aspecto lhes atribuiu um conhecimento totalmente diferenciado do que se estuda no Brasil.

3.6 A convivência com brasileiros durante o programa de imersão

Esse terceiro desafio citado pelos participantes pode ser considerado como uma das limitações do programa Ciências sem Fronteiras. Uma vez que alguns estudantes não têm a oportunidade de conviver com famílias nativas ou nem mesmo com estudantes falantes da língua alvo na própria residência universitária, a interação é afetada. Schumann (1986) defende que essa interação é essencial, pois se o grupo aprendiz não obtiver contato suficiente com o grupo falante da língua alvo, serão poucas as oportunidades de haver interação verbal.

Estávamos lá, mas vivendo os costumes brasileiros ainda. Ficava difícil se desligar da nossa cultura e imergir na deles.

Em alguns casos, a universidade só permitia as acomodações de brasileiros com brasileiros, então nós sentimos a necessidade de um maior contato com eles.

Em situações como as relatadas acima, nas quais não se faz uso do inglês frequentemente, o estudante não poderá desenvolver sua fluência completamente, tampouco adquirir a contribuição social e cultural do meio em que está inserido.

Assim como no estudo de Savage e Hughes (2014), os resultados da experiência de imersão no país falante da língua alvo foram julgados como positivos pelos participantes. Além do desenvolvimento no inglês, os participantes também relataram um grande enriquecimento pessoal. Os mesmos declararam que, após a experiência, tiveram uma grande mudança em suas “percepções de mundo” e passaram a ser mais tolerantes, agindo com mais respeito ao se relacionar com os demais. Além disso, também destaca-se a contribuição intelectual adquirida através de estudos em universidades estrangeiras, que têm diferentes abordagens e oferecem diversas oportunidades de moldar os conhecimentos dos alunos.

Conclusão

Este artigo teve como objetivo investigar os fatores que auxiliaram os estudantes brasileiros, especificamente do programa de intercâmbio Ciências sem Fronteiras, a adquirirem uma segunda língua ao estarem imersos na cultura de um país estrangeiro e analisar os desafios que os estudantes de ESL (inglês como segunda língua) enfrentam nesse contexto, bem como a forma que esses desafios podem impactar a aquisição da língua alvo. Por meio do método qualitativo utilizado, a entrevista semiestruturada, foi possível obter informações relevantes a respeito da influência que o contato com uma nova cultura e os falantes da língua alvo teve na aprendizagem dos estudantes.

A partir da análise dos dados coletados nesse estudo, observa-se que a primeira hipótese foi confirmada, uma vez que todos os estudantes relataram em entrevista terem melhorado de forma significativa suas habilidades linguísticas, que são *Listening*, *Speaking*, *Writing* e *Reading*, após terem participado do programa de imersão Ciências sem Fronteiras. A segunda hipótese também pôde ser confirmada, pois todos os participantes afirmaram que, apesar das dificuldades, os desafios enfrentados foram impactantes na sua aquisição da língua inglesa de forma positiva e agregadora.

Quanto às limitações dessa pesquisa, destaca-se a falta de dados quantitativos. Uma vez que esse estudo qualitativo é baseado em declarações, dados estatísticos poderiam torná-lo mais completo, de modo a analisar numericamente a contribuição do programa de imersão Ciências sem Fronteiras no nível de proficiência dos alunos.

Ainda é importante discutir a forma que estudos dessa natureza mostram o despreparo do Brasil no ensino da língua inglesa. Em geral, os alunos são instruídos a seguirem regras, focando na formalidade escrita e acabam despreparados para enfrentar o uso real da língua. Nesse sentido, a abordagem comunicativa da língua inglesa é extremamente importante no ensino, uma vez que, nem todos os brasileiros terão uma oportunidade tão valiosa e enriquecedora de integração cultural como a descrita nesse estudo.

REFERÊNCIAS

NUNAN, David. *Research methods in language learning*. 2.ed. New York: Cambridge University Press, 1992.

SAVAGE, Baron L.; HUGHES, Haning Z. How does short-term foreign language immersion stimulate language learning? *Frontiers: the interdisciplinary journal of study abroad*. Colorado Springs, p. 1-18. set. 2014.

SCHUMANN, John H. Research on the acculturation model for second language acquisition. *Journal of multilingual and multicultural development*. Los Angeles, p. 1-14, 1986.

APÊNDICE: Entrevista semiestruturada

- a) Idade
- b) Curso
- c) Cidade/estado
- d) Para qual país você viajou?
- e) Por quanto tempo permaneceu?
- f) Qual era o seu nível de Inglês antes da viagem?
- g) Como considera o seu nível de proficiência agora?
- h) Quais foram os principais fatores que influenciaram a aprendizagem da língua estrangeira quando você chegou ao país?
- i) Quais foram os principais desafios que enfrentou ao estar imerso em uma nova cultura?
- j) Esses desafios influenciaram de alguma forma a sua aquisição da língua?
- l) Conhecer nativos e a cultura do país acrescentou na sua aprendizagem algo diferenciado?